COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Antologia da Primavera

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Antologia da Primavera", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 409-415.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ANTOLOGIA DA PRIMAVERA

DEIXEM-ME abrir hoje, de maneira simbólica, uma espécie de brecha nesta sequência de emissões. Deixem-me dizer-lhes hoje — finalmente em voz alta — o que este programa tem constituído para mim: apenas mais um meio, entre tantos outros, de divulgar poesia, de comunicar o gosto pela poesia, de transmitir em suma — através de traduções de poesia — a exaltante e maravilhosa diversidade de vozes livres que se têm exprimido em outros idiomas. Há vinte e cinco anos que traduzo poemas. Em certos momentos não basta (a mim pelo menos não me bastou) a simples criação pessoal. Traduzir poesia ajudou-me a suportar muita coisa. Traduzir poesia tem sido, para mim, um modo de me sentir livre na companhia de outros que foram livres ou que sempre desejaram ser livres. E foi também um modo de reagir, no meu campo específico, àquele monstruoso princípio do «orgulhosamente sós». E, por outro lado, traduzir predominantemente poesia europeia foi ainda um modo de afirmar a nossa vinculação à Europa, quando até a nossa condição de europeus nos era negada.

Deixem-me, por isso mesmo, nesta primeira emissão de uma nova era, enfeixar aqui, quase ao acaso, momentos soltos em que me foi possível, através de avulsas traduções de poesia, respirar a frescura dos ventos que têm soprado noutros quadrantes e noutras épocas dessa realidade cultural — a Europa — a que efectivamente pertencemos. Dos textos que assim vou reunir, apenas um — o de Quevedo — o apresentei já diante destas câmaras. Os outros todos, embora publicados em livros, serão decerto completa novidade para a maior parte dos telespectadores. E começarei por um texto de Sófocles — uma das falas do Coro da tragédia *Antígona* — que traduzi expressamente para a edição em livro destas *Imagens da Poesia Europeia* e que admiravelmente exprime, como então escrevi, «a mais *aberta* confiança nos destinos e nos poderes do homem»:

Inúmeras são do mundo as maravilhas,
mas nenhuma que ao homem se compare:
é vê-lo sobre as ondas, entre as ilhas,
as águas percorrer do branco mar;
ou é vê-lo, diante da mãe-Terra,
sem pausa revolvê-la com seus potros,

fazendo que dos grãos que a terra encerra
em frutos se desdobrem todos, todos!

Ele, só, captura com seus laços,
ou com redes que faz entrelaçadas,
os pássaros ligeiros dos espaços,
os peixes que se ocultam entre as vagas...
E consegue os cavalos ir domando,
adrede utilizando suas manhas;
ao bicho mais feroz torná-lo manso,
como acontece ao touro das montanhas.

Sob tectos, se abriga da friagem;
sob tectos, das chuvas inclementes...
E vede: o pensamento, a linguagem
sua conquista são exclusivamente.
É o Ser dos recursos infindáveis:
até contra o futuro se faz forte;
e cura-se de males incuráveis...
Aquilo que o detém? Somente a Morte.

Agora, depois do texto de Sófocles, ocorre-me um excerto de um poema anónimo da baixa latinidade — provavelmente do século III depois de Cristo — que se intitula «A Vigília de Vénus». Também o traduzi na íntegra, a fim de figurar no primeiro volume das *Imagens*; e tratando-se, como se trata de um hino em louvor de Vénus que é simultaneamente um hino em louvor da Primavera, parece-me que ele ganha neste momento, para todos nós, a renovada significação que a própria Primavera passou a ter:

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

Aí vem a Primavera; e a Primavera canta.
Dela é que nasce o mundo: olha as aves em núpcias!
Entretanto a floresta, os cabelos soltando,
mais conjugal se of'rece à carícia da chuva...

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

A Deusa dos amor's, entre a sombra dos mirtos,
amanhã vem tecer viridentes grinaldas...
Amanhã vai subir a seu trono sublime:
do alto desse trono as leis serão ditadas.

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

Foi por um tempo assim é que a Deusa nasceu;
foi por um tempo assim que a fez o Oceano
de uma nuvem de espuma e do sangue do céu,
entre o rebanho azul de ondas e de hipocampos...

Amanhã há-de amar quem nunca ainda amou;
amanhã há-de amar quem já tiver amado.

Mas não foi apenas em contacto com os cantos de confiança ou os cantos de esperança que eu próprio saciava, ao traduzi-los, a minha sede de liberdade. Toda uma gama de outros sentimentos, de outros motivos, de outras fontes de inspiração — a ironia, o riso, a sátira, o protesto, a denúncia contestatária —, tudo isso me fazia sentir, para além das fronteiras e dos séculos, em uníssono com uma comunidade imensa de espíritos famintos de liberdade, de fraternidade, de paz e de justiça. Muitos exemplos disso mesmo foram filtrados através deste programa, desde os epigramáticos gregos até aos Goliardos, desde Marcial e Juvenal até La Fontaine ou William Blake. Mas, de todos eles, decido-me neste momento a escolher uma sátira do genial Francisco de Quevedo, «*nuestro hermano*» do século XVII, que magistralmente soube denunciar, através do motivo do «dinheiro», um dos grandes obstáculos à plena realização de uma sociedade verdadeiramente justa:

Nasce nas Índias honrado
onde o mundo o acompanha:
e vem a morrer em Espanha
e é em Génova enterrado;
e quem o traz a seu lado
é formoso, inda que feio:
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

É galante, e como um ouro
tem temp'rada a sua cor;
pessoa de alto valor,
tanto cristão quanto mouro;
dá e retira o decoro,
quebranta qualquer direito:

poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

São de alta estirpe seus pais,
e é de nobres descendente,
pois nas veias do Oriente
tudo são sangues reais;
e, como até faz iguais
os duques e os ganadeiros,
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Por ele intervir nos pactos
e por dar tão bons conselhos,
até nas casas dos velhos
gatos o guardam de ratos;
só ele rompe recatos
e abranda o juiz mais severo:
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

É tal sua majestade,
embora com lutos fartos,
que mesmo quebrado em quartos
nunca perde autoridade;
e, como dá qualidade
ao pedinte e ao banqueiro,
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Nunca vi damas ingratas
a seu gosto e afeição:
ante as caras de um dobrão,
tornam-se as caras baratas;
e visto fazer bravatas
de dentro de uma algibeira,
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Valem mais em qualquer terra
— vede bem como é sagaz! —
os seus escudos na paz
que outros escudos na guerra;

e, como ele o pobre enterra
e adopta o forasteiro,
poderoso cavalheiro
é o Dom Dinheiro.

Mas deixem-me agora — adiantando-me cronologicamente sobre o ponto em que se encontra a sequência destas emissões — falar de dois poetas contemporâneos que igualmente me permitiram comungar nas diversas ocasiões em que os traduzi, com a ânsia de liberdade e de justiça que ambos sempre manifestaram, embora nem sempre de forma coincidente.

O primeiro é Pasternak, Boris Pasternak, que foi sobretudo um grande poeta, muito mais um grande poeta que um grande romancista (o êxito ocidental do seu *Doutor Jivago* foi aliás bastante equívoco); mas que se mostrou, mesmo no *Doutor Jivago*, nos poemas que constituem a parte final do romance e que eu tive o gosto de traduzir de italiano para português (enquanto da tradução do romance se encarregou Augusto Abelaira), se mostrou — dizia eu — um grande poeta de cuja profunda sinceridade não é possível duvidarmos.

Trata-se, pois, de um desses poemas de Pasternak; e ainda tenho presente a emoção com que traduzi, há quinze anos, este cântico de amor à vida (também um cântico à Primavera!) nos quadros de um quotidiano ameaçado. A parte final do poema, principalmente — para quantos de nós não é ela, no fim de contas, a tradução fiel de muitas experiências que tivemos?

Nos palacetes desta Moscovo,
A Primavera, com insolência,
Dispersa a traça que há nos armários:
São as peliças que lá regressam,
Trajos de estio que de lá saem.

Vão-se alinhando vasos de flores
Nos parapeitos, nos patamares:
São violetas e amor's-perfeitos...
Ficam mais frescos agora os quartos,
Ficam os sótãos mais poeirentos.

Vão os passeios, familiarmente,
Para as janelas, cegas, sorrindo.
Nem se distinguem do sol poente
Algumas noites, junto do rio.

E o mais humilde dos corredores
Repete as falas de todo o espaço.

Bem nos conhecem os corredores,
A nós, humanos, e aos nossos males!
Assim repetem fortuitas frases
Que vão ouvindo, no mês das flores,
Ao som das gotas entremeadas.
E a madrugada, por sobre os muros,
Parece às vezes eternizar-se.

Tanto lá fora como nas casas,
Luzes e trevas que se misturam!
Por toda a parte, corre a loucura,
Por toda a parte, do próprio ar!
Por toda a parte, rebentos grimpam,
Por toda a parte se agitam ramos,
Ante as janelas, nas oficinas,
Tanto nas ruas como nos campos.

Porque se queixam os horizontes
E o odor da terra se torna amargo?
Aos solitários, brumosos longes,
É meu destino reconciliá-los.
Ao mesmo tempo, conjuro, expulso
Toda a tristeza que há nos subúrbios.

E no regresso da Primavera
Se, em minha casa, os meus amigos
Se reúnem todos, temos conversas
Que se parecem com despedidas:
Pois só à chama do sofrimento
Se aquece o frio da existência.

E, finalmente, outro poeta contemporâneo, este felizmente ainda vivo: o meu amigo Eugène Guillevic, bretão de nascimento, resistente durante a última guerra, militante cujas ideias não partilho mas nem por isso menos respeito — e que foi, exactamente há nove anos, por minha iniciativa, o último visitante estrangeiro da depois extinta Sociedade Portuguesa de Escritores, na altura em que dele se publicou, em tradução minha, uma antologia dos seus poemas. Dessa antologia faz parte o poema com que terminarei esta emissão; intitula-se «Lição de Coisas»:

O sangue é um líquido complicado
Que circula. É de um vermelho

Que aliás não se vê e que muda
Como uma planura sob várias luas.

O sangue contém corpos numerosos
Dos quais algumas pessoas sabem a fórmula.

É o nosso sangue. É ele
Que anda à volta, que volta,
Que alimenta.

O sangue derrama-se facilmente,
Basta-lhe apenas uma abertura.

O sangue de um morto por acidente
Não é o mesmo, na rua,

Que o de um morto pela liberdade,
Derramado na mesma rua.

Tem cada qual um modo particular
De ser vermelho e de gritar.